

A rabeça da Previdência

Estamos iniciando uma nova fase. “A festa acabou, os músicos foram embora...” (Drummond). Uns poderão lembrar o ditado popular de que “chegou a hora da onça beber água”, outros que é “a hora e a vez de Augusto Matraga” (Guimarães Rosa), numa simbiose entre o saber erudito e o popular.

É que, como todo governo, o atual entra no mar de sua realidade. O governo democrático é sempre fruto de uma conquista e de um desejo. Na candidatura, para vencer eleição, qualquer que seja o seu nível, há sempre um convite para descascar abacaxis e tarefas mais leves, como fazer a mesma coisa com bananas.

Já ouvi dizer que governar o Brasil é coisa fácil. Eu sempre achei muito difícil e sabe Deus as pancadas e os solavancos que enfrentei. Mas, matéria de gosto, ninguém discute. Cada um tem o seu. Governar o seu país é uma boa escolha do destino. Uma



JOSÉ SARNEY

PRÉSIDENTE DO SENADO

coisa é constatar dificuldades, outra é chorar por ela ou ficar atirando pedras. Não chorei nem atirei pedras. Agüentei firme.

A sociedade democrática é de conflitos. Os grupos de pressão, o choque de interesses, o corporativismo são todos legítimos e fazem parte do jogo. A novidade é que estamos num tempo de baixo teor ideológico e de alta busca de resultados. A maior característica dessa nossa passagem de milênio, impulsionada pela comunicação global e pelo fim das ideologias, é uma óbvia práxis de que a esquerda e a direita não são irreconciliáveis. Elas podem

conviver, não é uma guerra de extermínio. Governar passou a ser, no terreno dos modelos clássicos, convergir para o centro. É o exemplo da Europa, onde as sociedades dos países do antigo Leste Europeu comunista dançam essa música entre experiências e beijos.

Na nossa América Latina sempre convivemos com uma grande promiscuidade entre governo, empresas e órgãos públicos. O desmonte do Estado, com as privatizações, foi tão promíscuo quanto a montagem e a existência das empresas estatais. Tudo que se dizia dessas foi pouco diante da bacia das almas das vendas. Nosso modelo não foi exemplar, como as novelas de Cervantes.

O global e em marcha desmonte do Estado de bem-estar social criou tensões adicionais, atingindo as populações excluídas dos mais pobres. O medo de perder o emprego passou a ser mais sério

que o desemprego. Cabe, portanto, restabelecer confiança construindo uma rede de proteção que evite a cruel matança dos valores sociais promovida pelo neoliberalismo.

Daí, a desconfiança sobre a panela de pressão que vemos esquentar, com a reforma da Previdência. Nada pior do que a insegurança. Insegurança de não ter acesso à educação, saúde e oportunidade de futuro.

Li no *Le Figaro* revoltado editorial, analisando o clima de protesto geral que vive a França com a reforma previdenciária, e perguntando: “Somos ainda um Estado de direito?”

Tenhamos paciência, cabeça fria e exercitemos o instrumento do diálogo. É ele o caminho da solução.

Repito a sabedoria nordestina: “Com grito não se afina rabeça”.

O senador José Sarney (PMDB-AP) escreve nesta página às sextas-feiras